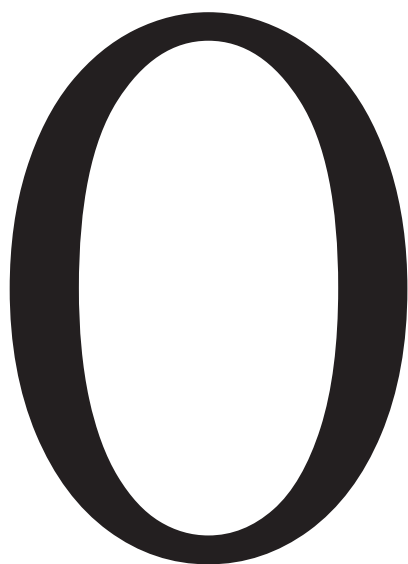


Breve história dos nomes na Rússia

Noé Oliveira Policarpo Polli



nome completo dos russos compõe-se unicamente de três elementos: primeiro nome, patronímico (derivado do nome paterno) e sobrenome: Sófia Vassílievna (“filha de Vassílii”) Kovalévskaja, Mikhail Aleksándrovitch (“filho de Aleksandr”) Bakúnin.

O presente artigo traça a história do estabelecimento desse padrão onomástico em correspondência com fatos históricos.



NOÉ OLIVEIRA POLICARPO POLLI

é professor aposentado do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

No mundo de hoje, os nomes parecem adereços distribuídos em feira: o casal leva para casa um condizente com o seu nível de gosto e cultura, muitas vezes ao sabor da moda. O escolhido nasce das veleidades e desejos da mãe e do pai, e o batismo representa só a matrícula da criança nalgum clube de crença religiosa.

Mas como devem ter sido os nomes nos primórdios da história dos povos? Eram mera palavra apegada a alguém? Qual poderia ser a sua natureza?

Os grupos humanos eram pequenos, e os meios de expressão dos idiomas ainda mal haviam saído da rigidez do nascimento (no caso, o russo do proto-eslavo); o acervo de palavras constituía-se basicamente de um catálogo das coisas e seres da natureza, reais ou mitológicos, pois a sobrevivência impunha conhecê-los: era do mundo físico que se obtinha o alimento, o fogo do lar, a madeira para o abrigo, a matéria para a vestimenta e ferramentas. Natural, pois, que, inicialmente, as pessoas hajam tirado dele nomes para a prole. Os genitores norteavam-se pela sua visão de mundo e inspiravam-se na natureza e na vida cotidiana, convictos de que aquela combinação de sons, entendida como parte integrante da criança, desempenharia algum papel no seu destino.

A ciência que estuda a etimologia, as transformações e a classificação dos nomes próprios chama-se onomástica (do grego *onomastiké* [tékhnē], “arte de explicar nomes”)¹.

A palavra usa-se, também, para designar o conjunto de todos os nomes próprios, isto é, os de gente, de animais de estimação, cidades, rios, mares, acidentes geográficos, corpos celestes, os patronímicos, os sobrenomes, os apodos, as alcunhas, títulos de obras literárias, nomes de estabelecimentos comerciais, escolas, instituições etc; em tal conjunto incluem-se os nomes realmente existentes e os inventados pelas pessoas, bem como os das personagens do folclore e da literatura. O ramo da onomástica que realiza o estudo linguístico da origem dos nomes dos primatas humanos, isto é, antropônimos (do grego *ánthropos*, “homem” + *ónoma*, “nome”), chama-se antroponímia².

Nome, entendido como aquele recebido por alguém no registro do nascimento, é a palavra que designa tal pessoa em particular e serve às outras de meio de dirigirem-se a ela e dela falarem. Pelo nome é chamada (*João! Maria! José!*) e referida por terceiros (*João* trabalhou numa fábrica. *Maria* mora em Recife. *Vimos o José.*).

Importante salientar que se trata de uma palavra destituída de significado independente, servindo apenas para *identificar* alguém. Somente em literatura tal palavra pode *caracterizar* a pessoa (agora chamada “personagem”) sob algum aspecto (físico, moral ou outro qualquer): um *Amaro Vieira* não nos diz nada na vida real, mas, em conhecido romance de Eça de Queirós, possui enorme significado.

A onomástica russa aponta três grupos de antropônimos: 1) nomes pagãos (russos

1 Fonte: infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/onomástica.

2 Idem.

e eslavos antigos); 2) nomes trazidos pela adoção do cristianismo; e 3) os surgidos com a Revolução de Outubro ou oriundos de línguas europeias.

Na Rússia pagã, como, aliás, em certas partes do mundo até hoje, os vertebrados humanos possuíam tão somente *nome*. Designava-se o recém-nascido com a palavra *tchado* (filho, filha) e procurava-se para ele um nome, que poderia vir do mundo animal e do vegetal: *Záiats*/lebre, *Volk*/lobo, *Lissá*/raposa, *Iorch*/acerina, *Vóron*/corvo, *Dub*/carvalho, *Orekh*/noz, *Berioza*/bétula, *Jávoronok*/cotovia, *Kupava*/lírio d'água, nenúfar etc. Criava-se que passariam à criança as qualidades dos seres identificados a ela, como a agilidade leporina, a bravura lupina, a esperteza e audácia vulpina, a inteligência do corvo, a fortaleza do carvalho e assim por diante. Está refletido, aqui, o meio de subsistência dos genitores, que viviam do cultivo da terra, da pesca, caça e extrativismo e viam a encarnação de deuses em animais e plantas³.

Os elementos e fenômenos da natureza, numa parte do mundo onde as estações do ano são bem marcadas, produziam impressões fortes nas pessoas, e estas sentiam a importância deles na sua vida. Isso expressava-se em nomes como *Zimá* (inverno), *Zímin* (nascido no inverno), *Vesná* (primavera), *Vechniak*/

Vesnian (nascido na primavera), *Poiárok* (para uma criança nascida ao fim da primavera), *Moroz* (frio), *Zamiatnia* (torvelinho de neve), *Véter* (vento), *Zória* (crepúsculo, alba) etc. O nome podia indicar data abrangente, mas soava mais íntimo, referindo-se a algum momento do dia: *Vetcherko* (nascido ao fim da tarde/anoitecer), *Zorian(a)* (nascido[a] ao crepúsculo, filho[a] da alba), *Zvezdan(a)* (nascido[a] sob as estrelas). A crença nas forças do destino e da natureza fazia as pessoas, que viam deuses em tudo, buscarem glorificar as potestades do panteão eslavo e com isso trazer para o lar a sua presença amiga: *Lada* (deusa da primavera, do amor e da beleza), *Mara* (deusa da morte, da degeneração e renascimento; a sua estação de prevalência era o outono), *Velés* (protetor dos animais e guardião do mundo subterrâneo), *Dajbog* (encarnação do Sol e da fertilidade, provedor da fartura), *Simargl* (mensageiro entre o mundo celeste e o terreno e protetor da vegetação), *Mokoch* (regedora dos destinos humanos e padroeira do ofício de tecelagem), *Stribog* (deus do vento e da força), entre outros. Com um belo nome desses, a criança deveria receber a proteção das divindades.

Havia, naturalmente, inspirações menos poéticas, como caráter, traços físicos, cor do cabelo e da pele: *Bulgak*/inquieto, bulhento), *Vessiólin*/alegrim, *Bezson* (*bez*/sem + *son*/sono, para uma criança chorona, dura de fazer adormecer), *Nesmeián*, *Neulyba* (sistudo[a]), *Mitchiura* (sombrio[a]), *Potiekha* (para uma criança encantadora e divertida), *Tcherniai*, *Tchernych* (escuro[a]), *Maliuta* (miudinho[a]), *Guban* (beijudo[a]), *Milucha* (adorável),

3 Tais nomes deviam ter, também, natureza "defensiva", o objetivo de desviar a atenção dos maus espíritos, cuja ação encontraria a resistência das qualidades dos seres "não humanos" apadrinhadores deste ou daquele nascituro.

Liubacha (queridinha) etc. O nome provinha da alguma característica da criança, representando um sinal que a distinguiria na família e na tribo.

Outras motivações menos elevadas eram a expectativa, o grau do desejo de ter um filho: *Bogdan(ka)* (dado[a] por deus), *Bajón* (desejado[a]), *Jdan(ka)* (esperado[a]), *Nejdan(ka)* (inesperado[a]), *Tchaian* (muito esperado[a]) etc. E também a ordem de nascimento: *Pervak*, *Percha*, *Pervucha* (primogênito[a]), *Vtorak* (segundo[a]), *Tretiak* (terceiro[a]), *Tchetvertak*, *Tchetvertúnia* (quarto[a]), *Piatak* (quinto[a]), *Ches tok* (sexto[a]), *Semak* (sétimo[a]), *Osmak* (oitavo[a]), *Deviatko* (nono[a]) etc.

Os russos pagãos expressavam o anelo de horizontes luminosos para a sua prole com nomes como *Talan* (sorte, fortuna), *Dólia* (destino, sorte) e *Tchura* (divindade protetora do lar). Àquela época, devia andar pela terra um rancho de espíritos maus e cobiçadores da gente miúda, pois criara-se o hábito de dar a ela nomes defensivos, “profiláticos”, baseados em deformidades e defeitos reais ou inventados: *Negodiai* (patife), *Nekrás* (feio), *Durak* (parvo), *Kriv* (torto), *Nekhorochko* (feinho), *Górie* (desgosto), *Griazn* (sujo, imundo) e outros; como nomes “protetores” usavam-se também denominações de moléstias: *Jeltukha* (icterícia), *Tsvetukha* (exantema), *Zolotukha* (escrófula) etc. As forças malignas não atentariam numa criança tão pouco atraente, julgando-a já suficientemente maltratada pela vida e não a tomariam para si, nem lhe trariam desdita ou doença. O desvelo com a “gente de palmo e meio” (expressão do poeta Augusto Gil) produzia exageros como *Beskó*, *Tchertkó* e *Tchertók* (diminutivos

de *Bes* e *Tchort*, de mesmo significado: diabo, demônio): a superstição assegurava que os seres das trevas não fariam mal a membros da própria família⁴.

Quando adoecia uma criança, o pai ou o avô tomava-a nos braços, saía com ela para um passeio e, ao retornar, chamava-a por outro nome, como *Náiden(a)* ou *Naidión(a)* (encontrado[a]) ou *Nenach(a)* (não nosso[a], alheio[a]); era para fazer os espíritos maus pensarem tratar-se de outro miúdo, que não o da casa, e irem-se embora, deixando aquele em paz⁵.

Assim, o garoto e a garota tinham um nome inspirado por alguma circunstância da vida, ser, coisa ou fenômeno da natureza e até pela superstição. Esse era um nome “social”, nem sempre atraente (a dureza da vida não deixava tempo aos genitores para imaginações poéticas), que estabelecia um elo da pequena criatura com a família, inseria-a na comunidade, conhecia-se por todos e muitas vezes servia de indicador das suas origens. Com o passar do tempo, o nome poderia mudar, se parecesse já não condizer com o portador; assim, uma *Smeiana* (risonha) poderia tornar-se *Nesmeiana* (sisuda), um *Tikhomir* (quieto e pacífico) mudar de rumo na vida para *Blud* (devasso, dissoluto) e um *Dratchun* (briguento) ficar *Moltchun* (calado).

4 Se, nalguma família, morresse uma criança após outra, o próximo nascituro poderia receber um “nome-freio”, como *Stoián* (do verbo *stoiat*, ficar parado), *Stana* (idem) e *Khvat* (do verbo *khvatit*, bastar, chegar) ou um nome pulsante de vida (*jizn*), como *Jivko*, *Jívtchik* e *Spasse* (do verbo *spassat*, salvar). Defendia-se não tanto a própria criança, quanto a família inteira. Mais pormenores em: <https://www.sinykova.ru/rol-imeni/>.

5 Mais pormenores acerca desses nomes protetores em: Fedossiuk (1996).

À entrada da criança na adolescência, lá por volta dos 12 anos, quando os traços principais do caráter já estivessem delineados, passavam a considerar-lhe o sexo. Realizava-se, então, o primeiro ritual de iniciação dos russos pagãos, o *imianare-tchénie* (ato de dar nome). Ele precedia-se pela ablução do corpo, espécie de purificação da alma e meio de “tirar” o primeiro nome; a imersão do menino era em curso d’água, e a da menina, em lago ou tanque – talvez pelo fato de que o destino daquele fosse percorrer caminhos do mundo, por necessidade ou aventura, acompanhando a água corrente, e o desta, permanecer no espaço ocupado pelo grupo familiar, como a água parada, rodeada de terra.

O ato de imersão do corpo presidia-se por alguém especial, como o chefe da tribo/clã, mas principalmente um feiticeiro, pessoa considerada conhecedora dos segredos da natureza, a quem incumbiam de tratar com as suas forças; isso conferia importância e solenidade ao procedimento; a água, por sua vez, atuava mais do que como instrumento; ao escorrer dos cabelos e das vestes do batizado, devia lembrar aos presentes o seu papel como elo de ligação entre os seres vivos e os mitológicos, por representar uma condição essencial de vida para os primeiros e dar abrigo a alguns dos segundos (o espírito *vodianoi*, de *vodá*/água, as *rus-salkas*/iaras e outros).

Dava-se, então, ao(à) púbere um novo nome, secreto, o seu *verdadeiro*, que seria conhecido só dele(a), de alguém da família, do feiticeiro e dos deuses – um nome de sumo significado para ele(a) e os mais chegados, que poderia refletir a própria essência da personalidade, dada

pela natureza, ou realçar as suas tendências e aspirações. No caso de um garoto, deveria refletir alguma das melhores características do futuro homem, guerreiro e continuador da linhagem. (O *Canto do Exército de Ígor* traz heróis com nomes bonitos e expressivos, relacionados com as forças da natureza, os deuses e o clã.)

O ritual, realizado em sítio ermo, em presença só de alguém do círculo mais íntimo do jovem ser, transmitia-lhe a crença dos antepassados e elevava-o à dignidade de descendente e protegido dos deuses eslavos. Submergia-se o corpo várias vezes, e nesse entretanto o bruxo “ouvira” o nome sussurrado pelas divindades; recebê-lo era para o(a) adolescente como nascer de novo, entrar em nova senda da vida, começar a transformar-se em outra pessoa. Assim, o efebo que houvesse manifestado o desejo de tornar-se guerreiro, ficava, por exemplo, com o nome *Gromoboi* (*grom*/ trovão + *boi*/ribombo) e deveria tudo fazer para honrá-lo; ou prosseguiria no caminho correspondente à sua natureza; se bondosa, com *Dobrýnia* (gentil), se agitada e impetuosa, com *Búria* (tempestade) ou *Véter* (vento) e assim por diante.

O som desse nome especial devia não apenas comunicar um significado, como expor a “melodia da alma”; alguns eram sonoros, expressivos, viris e de breve e corrida pronúncia (*Iaroviet*, *Rebiata*, *Porevit*, *Buián*, *Ratibor*, *Ískren* etc.) e como que abriam à pessoa a possibilidade de adquirir qualidades fortes, salientes, firmes; outros, em caso de uma “melodia de alma” suave, propiciavam uma índole serena e dócil: *Veleslav* (*velíkii*, grande + *slava*, glória), *Liubim(a)* (amado[a]), *Milorad(a)* (*mílyi*, gentil + *rádost*, ale-

gria), *Góluba* (pombo[a]) etc. Enfim, esse segundo nome, por revelar-se, como se cria, num instante de comunicação com os deuses e o espírito dos antepassados, correspondia aos traços e inclinações já manifestados pelo(a) adolescente e tinha para ele(a) um significado especial, não sendo, pois, uma simples sequência de sons harmoniosos⁶.

O russo pagão considerava tal nome como o seu verdadeiro e como uma espécie de caminho espiritual e ligação com os deuses, e mantinha-o sob segredo, para não expôr-se à maldade humana. Os membros da família continuavam a tratá-lo pelo nome social, que, qual duplo artificialmente criado, protegia-o dos golpes do fado e do “mau-olhado”⁷.

Já nas classes detentoras de poder, a maioria dos nomes compunha-se de dois

radicais, unidos ou não por vogal: *Ratibor* (*rat*/exército, tropas + *bor*/de *borottsá*, enfrentar; aquele que enfrenta um exército; guerreiro destemido), *Bogumil(a)* (*bog*/deus + *mílyi*/querido[a], caro[a]; querido[a] por deus). O segundo elemento soía ser: *-slav* (de *slávnyi*/glorioso: *Iaroslav*, forte e glorioso; *Viatchelav*, o mais glorioso); *-mir* (grande e glorioso; paz: *Gradimir*, mantenedor da paz, *Ostromir*, afiado e glorioso, *Iaromir*, Iarilo, deus do Sol + *mir*/mundo); ou *-vólod* (possuidor, rico: *Vsévolod*, possuidor de tudo). As mulheres tinham nomes simples, como *Berioza* (bétula), *Iva* (salgueiro), *Milolika* (de rosto bonito), *Tcharucha* (encantadora), *Iásena* (clara); todos inspirados na natureza e na vida e de claro sentido para todos.

Neste ponto, faz-se necessário contrapor a realidade ao idílio e à poesia. Nada mal ter nome agradável e compreensível como *Miliuta Gost* (queridinho-hóspede), *Jdan Bogdan* (esperado-dado por deus) ou *Malinka Liubim* (pequerrucha-amada) e ser conhecido(a) como *Bogdan* e não *Bolvan* (papalvo), *Jdan(ka)* (esperado[a]) e não *Nejdan(ka)* (não esperado[a]). Porém muitos dos russos pagãos tinham nomes absolutamente absurdos, testemunhadores de quão longe pode ir a estupidez humana. Exemplos: “*Soroka Mai Solovéi Chtchetina* (pega maio rouxinol barba por fazer); *Zviaga Budilko Obrazets Paúk* (retintim despertador mostra aranha); *Gornostai Griazka Pechok Ogurets* (arminho sujeira [?] pepino); *Pechka Tchulok Sakhar Igolka* (peão meia açúcar agulha). Que é isso? Listagem de mercadorias de mascate? Lista de animais e aves? Um apanhado de substantivos tirados ao acaso de alguma gramática antiga? Não, são 16 nomes que

6 Mais pormenores acerca do ritual de dar nome aos adolescentes no portal kultura.ru. Impossível não lembrarmos de que um dos sinônimos de “nome” é “graça”, substantivo ligado à ideia de beleza e ventura (“benevolência”, “favor”, “mercê”, “dom sobrenatural, como meio de salvação e santificação” e, no plural, “designação de três deusas do paganismo” (*Dicionário de Cândido de Figueiredo*). Daí podermos, “pagamente”, compreender a atitude de encarar o nome como graça concedida por algum(a) deus(a).

7 Cria-se impossível fazerem mal a alguém sem o conhecimento do seu nome *verdadeiro* – chave para a sua verdadeira essência. Superstições à parte, cada qual proteja bem o seu: “Vivemos num mundo de nomes. O nome apresenta-se como a principal característica da pessoa e como o seu sinal identificador. Em algumas situações, o nome é capaz até de substituir a pessoa; isso ocorre em esferas tão antagônicas, como a magia e a burocracia, que se encontram em diferentes níveis na evolução da civilização e parecem não poder ter nada em comum. A ação mágica, dirigida a uma pessoa, opera com o seu nome (na feitiçaria, na adivinhação e assim por diante); igualmente, a documentação burocrática lida não com gente, mas com nomes, e o destino da pessoa pode depender diretamente do procedimento burocrático; tudo isso dá ensejo à maneira mística de encarar o nome, que se vê também nos nossos dias”, escreve Uspénskii (1994, tradução nossa).

os nossos antepassados usavam tranquilamente sem nenhum constrangimento”, escreve Uspénskii (1972, p. 23)⁸.

A adoção do cristianismo, no ano 988 da nossa era, elidiu muitos nomes eslavos e russos antigos e proscreeu uma data de outros, porque eram de deuses pagãos ou de pessoas, como feiticeiros, adivinhos e astrólogos, que arrostaram a Igreja e tentaram, durante algum tempo, restabelecer os cultos e tradições do paganismo. Cada russo passou a receber, ao nascimento, por imposição da religião ortodoxa, o nome de alguma figura lendária ou histórica reverenciada pela Igreja em algum dia do ano. Eram nomes de origem grega, hebraica antiga ou latina, vindos de Bizâncio, passando pela Bulgária (cristã já desde o ano 865 da nossa era), na forma do dialeto macedônio da língua búlgara, o qual foi elevado à categoria de idioma do ritual religioso por São Cirilo e São Metódio (os criadores do alfabeto cirílico) e também se conhece como “eslavo antigo” e, a partir do século XII, “eslavo eclesiástico”. Referia-se a esta ou àquela pessoa pelo nome de batismo, seguido do secular: “Díacono Alekséiko, chamado Ditchenko”, “Kuzmáko/Cosme, e chamado de Bodachko, escravo”, “o príncipe lituano Ivan, de apodo Baba”.

Na sanha contra essa dualidade onomástica, a Igreja não deixava em paz nem os mortos: o defunto, de quem não se soubesse o nome cristão, era sepultado como “*Kazak Bogdan, a ímia emu bog vest*” (Cossaco Bogdan/dado por deus, e deus sabe-lhe o nome). Tais nomes “de calendário”, de significado desconhecido do povo, foram ganhando, com o tempo, forma mais amigável aos ouvidos, como *Ivan* (de Iokhanaan), *Filat* (Feofilakt), *Fetis* (Feoktist), *Selivan* (Silvanus) e tantos outros⁹. Ao mesmo tempo, em rústicos templos erigidos às divindades pagãs eslavas em florestas, longe das vistas da milícia monacal, feiticeiros ajudaram, durante muito tempo, os abjurantes da fé estrangeira com o ritual de apagamento do nome cristão (*raskréchtchivanie*, desbatismo) e libertação do indivíduo duma crença que lhe era alheia.

Assim, até ao século XVIII, houve gente com três nomes: um secular (social), o secreto (verdadeiro) e um imposto pela Igreja ortodoxa. O primeiro era fácil de pronunciar, chegava às vezes a substituir o de batismo (religioso, oficial) e baseava-se na profissão do sujeito, algum traço de caráter, entre outras coisas; o crescimento das comunidades impôs a diferenciação dos homônimos; então, digamos, algum Ivan, que fosse zarolho, ficava Ivan *Kossýga*, para evitar confusão

8 Ele admite a possibilidade de tratar-se realmente de nomes “sociais” e não de achincalhes, apesar do gosto do povo russo por apodos mordazes, para o que cita Gógol: “Expressa-se com vigor, o povo russo! E se premia alguém com uma palavrinha, ela, então, passa para a sua estirpe e descendentes, arrasta o indivíduo consigo para o trabalho e para a aposentadoria, para Petersburgo, para os cafundós do mundo... nada ajuda: crocita o apodo por si próprio com toda a sua garganta de corvo e diz claramente de onde vem o pássaro” (*Almas mortas*, Parte I, Capítulo 5, tradução nossa).

9 Costumava-se dar ao nascituro o nome do(a) santo(a) do dia, que podia ser mais de um(a). Não se sabia a etimologia daqueles nomes estrangeiros, mas queria-se algo aprazível para os ouvidos. E que podiam os genitores fazer, quando nenhum deles lhes agradasse? Lembremo-nos de como sofreram os da personagem de *O capote*, de Gógol, para batizá-la. O remédio era pegar o calendário religioso, fornido de santos para todos os dias e com nomes para todos os gostos, e olhar o que pudesse haver de melhor em alguma data próxima à do nascimento da criança.

com o seu xará manco, Ivan *Khromoi*; havia o Piotr *Kusnets*/ferreiro e o Piotr *Sapójnik*/sapateiro, e assim por diante.

Um elemento natural de distinção era “filho(a) de”: Maria *filha de Oleg*, Maria *filha de Nikolai*. Ou com dois genitivos: *Mikhail Arkhífov filho de Vassíliev*, o que significava que o avô de *Mikhail* se chamava *Vassílii*, e o pai, *Arkhip*. As pessoas poderosas orgulhavam-se da antiguidade da sua família e ajuntavam o nome do pai, do avô, do bisavô e do tataravô ao seu; a profundidade das raízes do clã de um indivíduo no tempo obrigava as pessoas das suas relações a tratamento respeitoso a ele, por exemplo: *príncipe Iaroslav, filho de Oleg, neto de Sviastoslav, bisneto de Ígor, tataraneto de Rúrik*¹⁰.

Tal tradição, pois, não poderia firmar-se, pela extensão e nenhuma praticidade da forma. Ainda nessa época dos primeiros príncipes, segundo os historiadores, surgiram os patronímicos com sufixo, em documentos datados do ano 945 da nossa era, caso de listas de embaixadores enviados a outros Estados. Ao nome do genitor da pessoa acrescentaram-se os sufixos *-ovitch*, *-evitch*, masculinos, e *-ovna*, *-evna*, femininos: *Glébovitch* (filho de Gleb), *Glébovna* (filha de Gleb). Num tempo em que era o homem o principal mantenedor da família, os casos excepcionais de a criança não ter pai ou haver nascido fora do casamento ou,

10 Nos primórdios, a Rússia era formada por principados (Moscou, Pskov, Nóvgorod, Vladímir, Kiev e outros) e estes viviam em constantes hostilidades, até que no ano de 862 da nossa era, reunidos em conselho, decidiram escolher, como soberano de todos, um estrangeiro, Rúrik (830-879), príncipe dos variagues (guerreiros escandinavos, saqueadores das terras russas setentrionais), que, naquele mesmo ano, estabeleceu-se em Nóvgorod e ali reinou até a morte.

ainda, a mãe, por alguma razão, haver-se tornado a cabeça do grupo familiar, originavam um *matronímico*, como *Nastássievitch* (filho de Nastássia), *Nastássievna* (filha de Nastássia), *Avdótievitch* (filho de Avdótia), *Avdótievna* (filha de Avdótia), *Efrossínievitch/-na* (de Efrossínia)¹¹.

“Nos séculos XI-XIV, somente os príncipes e boiardos podiam ter patronímico. Os demais eram citados apenas pelo nome: ‘Chama-se Tchern, mercador’ (1074), ‘Ivan, cozinheiro do metropolitano Kiprian’ (1391). A partir da segunda metade do século XV, patronímicos passaram a usar-se também para as classes mais baixas. Porém, para distinguir a nobreza das pessoas comuns, conservaram-se a forma principesca e com sufixo. Assim, alguém do povo chamava-se Ivan Gavrílov, isto é, filho de Graviil; já os príncipes e boiardos, Gavrílovitch, Stepánovitch e assim por diante” (Uspénskii, 1972, p. 25)¹².

Posteriormente, em caso de relevantes serviços prestados ao tsar, as pessoas de origem não aristocrática podiam adotar patronímico com sufixo, cujo uso se consolidaria somente com Pedro, o Grande (1672-1725), e as suas reformas na constituição e admi-

11 Difícil conceber a possibilidade de matronímico além destes três casos: a mulher ter, como marido, um patife, desmerecedor do respeito da comunidade; simplesmente não ter marido; ou, então, ser viúva.

12 O autor acrescenta a isso que os antigos gregos já usavam patronímicos: “As pessoas, na sua simplicidade, são propensas a achar que a bolota tem mais razões para orgulhar-se do carvalho-pai, do que o carvalho para gabar-se dela; surgiu, então, há muito-muito tempo, o costume de as pessoas, ao dirigirem-se ao filho de alguém, aduzirem ao nome do indivíduo o do pai, por uma questão de respeito: nós não te conhecemos, mas de antemão respeitamos os méritos do teu pai em ti” (Uspénskii, 1972, tradução nossa).

nistração do Estado, inspiradas em modelos de países ocidentais¹³.

Introduziu-se a palavra latina *familia*, que inicialmente significou o grupo familiar e, depois, consolidou-se como *nome de família/sobrenome*. As pessoas passaram a ser conhecidas por nome de batismo, patronímico e, em lugar de profissão ou apodo, sobrenome.

Ao que tudo indica, os sobrenomes surgiram no Norte da Península Itálica, nos séculos X-XI. Da Lombardia, passando pelo Piemonte, chegaram à Provença e gradualmente difundiram-se por toda a França. Em 1066, chegaram à Inglaterra, com os invasores normandos. Com o tempo, ultrapassaram o Rio Reno e avançaram para o Norte e o Leste da Europa. Teriam chegado à Rússia, mais precisamente aos domínios de Nóvgorod, ainda no século XIII, por influência do Grande Principado Lituano. Numa crônica acerca de guerreiros tombados em combate, citam-se pessoas com nome e sobrenome: “*Kostantin Lugotinits, Guiuriata Pinechtchitch, Drotchilo Nesdylov [...]*”¹⁴.

No século XV, entre os aristocratas, surgiram os primeiros sobrenomes de origem estrangeira: *Filóssov* (de pessoas de ascendência grega ou polaco-lituana), *Iussúpov* (*Iussup*, correspondente a *José* nas línguas turcas) e *Akhmátov* (provavelmente do árabe *Akhmat*, elogioso, laudatório), adotados por descendentes de tártaros. Não russos também eram os nomes de família dos escritores Karamzin (do tártaro *kará*, negro + *murzá*,

príncipe), Fonvizin (de *von Wiesen*, “oriundo de Wiese”, cidade da Bavária, Alemanha) e Lérmontov (cujo bisavô paterno, escocês, se chamava George Learmont).

Os grupos sociais começaram a receber sobrenomes em diferentes épocas: representantes da nobreza, príncipes, boiardos (séculos XIV-XV); nobreza (séculos XVI-XVIII); comerciantes e funcionários públicos (séculos XVII-XIX); clero (século XIX); ao campesinato, maioria da população, deram-se apenas na segunda metade do século XIX, após a abolição da escravidão (1861).

A origem dos sobrenomes podia ser, entre muitas:

- *Geografia*. A pessoa nascida na região de Moscou ou do Rio Don, por exemplo, ficava como *Moskvin* e *Donskoi*. A herdade Dostóevo, localizada na região de Brest (Bielorrússia), deu aos seus proprietários, antepassados do autor de *Crime e castigo*, o sobrenome *Dostoévskii*. *Leskov* vem de *Leski*, povoado em que o avô, o bisavô e o trisavô do escritor foram padres. Se o sujeito viesse de alguma aldeia chamada *Mukha*, pela quantidade de moscas que nela houvesse, ficaria com *Múkhin*.
- *Profissão*. O indivíduo podia receber sobrenome conforme o ofício: *Sapójnikov* (Sapateirov), *Rybakov* (Pescadorov), *Korobéinikov* (Mascátev), *Golítsin* (por fazer *golitsas*, luvas). Algum antepassado do escritor Ivan Gontcharov pode ter sido oleiro, ceramista (*gontchar*).
- *Algum nome ou sobrenome*. O filho de algum Grigórii ficava com *Grigóriev* ou *Gríchin* (do diminutivo *Gricha*); *Iliúcha* (diminutivo de *Iliá*) produzia *Iliúchin*; *Ulián*, *Uliánov*. Muitos ex-servos receberam o sobrenome do antigo senhor, como os antepassados do

13 A permissão imperial para o uso do patronímico com sufixo equivalia ao recebimento de título nobiliárquico. Evidentemente, as pessoas obedeciam à lei na documentação oficial, mas, na intimidade, longe de ouvidos indiscretos, lavavam a alma, dando-se o prazer de tratarem-se com *-vitch* e *-ovna* para cá e para lá.

14 Mais pormenores em: Níkonov (1988).

cosmonauta Iúri Gagárin, ou tiveram o seu formado do nome ou do sobrenome do antigo senhor: *Antón* → *Antónov*, *Antónovskii*; *Golítsin* → *Golítsinskii*; *Andréev* → *Andrée-
vskii*. Havia o nome pagão *Bulgak* (pessoa inquieta, agitadiça, bulhenta), origem de *Bulgákov*, do autor do romance *O mestre e Margarita*. Outro era *Verechtchaga* (do verbo *verechtchat'*, cricrilar, estridular), que identificava o sujeito tagarela e originaria o sobrenome do pintor Vassílii Verechtcháguin. *Kuprin* vem de *Kúpria*, forma diminutiva de *Kupriian* (Cipriano). Para Turguénev, o fundador da sua família fora um general da horda asiática, que dominara a Rússia por séculos, um certo Turgueia (do turco-mongol *turguén* ou *tiurguén*/rápido, despachado e irascível, cabeça quente).

- *Apodos*. Muitas pessoas tinham o mesmo nome e o mesmo patronímico e eram distinguidas por algum traço de caráter: *Romádin* (de *romada*, pessoa simples e sem estudo), *Nevérov* (de *ne vérit*, que não crê em deus, ateu), *Goriátchkin* (de *goriátchka*, pessoa de cabeça quente). A característica também podia ser física: algum antepassado do escritor Serguéi Aksákov devia ter manquejado duma perna e, portanto, ficado conhecido como *aksak* (tártaro: coxo, manco); alguém de dentes grandes e ressaídos (*zubak*) ficava *Zubákin* (Dentússov), e o narigudo (*nóssar*), *Nóssarev* (Narigãoskii). A humanidade, composta basicamente de gente mais ou menos em paz com o aparelho contador de arrobos, possui, numa das suas franjas, o *sukhomliá* (sujeito muito magro e seco de carnes), inspirador do sobrenome *Sukhomílin*, e, na outra, os incautos na ingestão de calorias, para os quais a língua russa tinha um adjetivo, hoje arcaico, proveniente do substantivo *tolchtcha* (mas-

sa, grossura): “O apodo Tolstói foi dado a um certo Andréi, bisneto de um lituano chamado Índris, no reinado de Vassílii II (século XV). O clã alçou-se em distinção com Piotr Andréevitch Tolstói, partidário de Pedro, o Grande, que lhe concedeu o título de conde. A vigésima geração de Índris deu os escritores Lev Nikoláevitch Tolstói e Alekséi Konstantínovitch Tolstói, primos em segundo grau. A família Tolstói deve o seu nome àquele Andréi, progenitor do clã, mais precisamente à sua rechonchudez” (Fedossiuk, 1996, pp. 222-3).

- *Culinária*. Encontram-se muitos sobrenomes relacionados com os prazeres de comer e beber, dado a pessoas que ou produziam/vendiam algum produto alimentício ou tinham alguma característica dele e acabaram por passá-los aos descendentes. Assim, com *Pirojkov* (de *pirojok*; Pastelov, Pastelin), pode muito bem ter sido agraciado algum vendedor de pastéis ou sujeito com orelhas de abano, e *Morkóvin* (de *morkov*: cenoura; Cenourákin, Cenourev), alguém muito ruivo ou plantador/comerciante do legume. O maior pintor russo, Iliá Répin, devia o sobrenome à planta crucífera *repa* (nabo)¹⁵.

15 Aqui vai uma mesa incompleta, mas substancial, tirada do livro de Iúri Aleksándrovitch Fedossiuk: *Tchesnokov* (*tchesnok*: alho), *Kapústin* (*kapusta*: repolho), *Ogurtsov* (*ogurets*: pepino), *Gorokh* (ervilha), *Blinov* (*blin*: panqueca), *Tiurin* (*tíuria*: espécie de açorda), *Kulechov* (*kulioch*: sopa grossa de grãos), *Káchin* (*kacha*: papa, mingau), *Kartóchkin* (*kartóchka*: batata), *Máslov* (*máslo*: óleo). Em casa russa, não pode faltar pão (*khleb*): *Khlébnikov* (*khlébnik*: padeiro), *Khlebodárov* (*khlebodar*: distribuidor de pão). Para os brindes: *Bráguin* (*braga*: cerveja caseira, de baixo teor alcoólico), *Vódkin* (de vodca), *Vinokúrov* (*vinokur*: destilador de vodca). E de sobremesa: *Tvorogóv* ou *Tvórogov* (*tvórog*: requeijão), *Pirogov* (*pirog*: pastelão; torta doce), *Kisseliov* (*kissel*: geleia, à qual tenha sido adicionada alguma fécula), *Sliva* (ameixa), *Orékhov* (*orekh*: noz), *Korjov* (*korj*: pão doce), *Zapekánkin* (*zapekanka*: pudim). E quem prepara tudo isso é: *Povarov* (*póvar*: cozinheiro).

- *Construções artificiais ou escolhas aleatórias.* Os trisavós de um conhecido deste rusófilo, moradores dum lugarejo dos cafundós da Rússia, não haviam ainda escolhido um sobrenome e, chegados ao cartório do registro civil, adotaram como tal o nome de uma árvore, vista por eles no átrio do edifício: *Grucha* (pereira). Os escrivãos nem sempre se distinguiam por escolaridade e urbanidade, e a gente mais simples ficava à sua mercê, sem entender a pergunta “*kak tvoia família?*” (qual é o teu sobrenome/nome de família?), pois “família” não é palavra russa; o homem, então, impaciente, lascava-lhes um *Besfamílnyi* (*bez/sem + família/sobrenome: Sem-sobrenómev, Sem-sobrenómevskii*) ou *Subbótin* (Sabadin), pelo dia da semana ou época do ano, *Zímin* (Invernin), ou inventava um sobrenome relacionado com o sítio de origem do requerente, a sua profissão etc. Pobre daquele que apresentasse algum traço físico saliente, como ser narigudo, não ter um ou mais dedos, ser torto de olho ou de orelhas avantajadas, pois não escaparia à sanha do funcionário: *Bespálov* (*bez/sem + pálets/dedo: Sendédov*); *Kossýguin* (Estrábikov), *Ukhánov* (*ukhán/pessoa de orelhas grandes: Orelhúdob*). Se de pestanas hirsutas ou membrudo qual urso, então provavelmente sairia do cartório do registro civil como *Viskovátov* (Pestánúdob) ou *Medvédiev* (Ursov, Ursónskii).

Dada a magnitude da participação da milícia de batina na vida russa, não há como não falar dos *sobrenomes de seminaristas*. Até a adoção de algum, os popes, isto é, os padres ortodoxos, recebiam o tratamento de *otiets* ou *bátiuchka* (pai), *pop*; os seus filhos (a Igreja Ortodoxa não impõe o celibato), quando era preciso, adotavam o sobrenome

Popóv. Os padres e os seminaristas adotavam nomes de família derivados: 1) da denominação dos principais feriados religiosos: *Voskressénie/Ressurreição* → *Voskressénskii*; *Uspénie/Assunção* → *Uspénskii* etc; 2) do nome de santos ou de igrejas consagradas a eles: *Kosmál/Cosme* → *Kósminskii*; *Petro-pávlovskii* (da catedral de) de *Piotr/Pedro* e *Pável/Paulo* etc; 3) de epítetos dados a certos santos: Gueórguii *Pobedonóssets/São Jorge, o Vitorioso* → *Pobedonóssetsev*; Mark *Podvínik/São Marcos, o Devoto* → *Podvínikov*; Ioann *Bogoslov/São João, o Teólogo* → *Bogoslóvskii* etc; 4) de nomes próprios bíblicos: *Avessalómov, Melkizedékov, Faraónov, Iordánskii, Getsimánskii, Ierussalímskii* etc; e 5) de topônimos, na maioria: *Novgoródskii* (da cidade de Nóvgorod), *Belínskii* (o avô do crítico literário fora padre no povoado de Belýn) etc. O autor de *Que fazer?* deve o seu nome de família ao fato de o pai, ao ingresso no seminário da cidade de Tambov, haver sido registrado nele como *Gavriil Tchernychévskii* (isto é, oriundo de um lugarejo chamado Tchernichovo)¹⁶.

16 O livro de I. Fedossiuk traz um anedotário particular, formado pelos sobrenomes dados aos seminaristas por algum traço de caráter ou mania: *Bogoboiáznyi/ Tementeadéusev* (*bog/deus + boiatsa/temer*) devia ferver de fé; *Blagóvidov/Bemparecidov* (*blagoi/bom + vid/aspecto*) formava boa dupla com *Formósov* (do latim *formosus*), e *Potselúevskii/Beijónskii* (de *potselui, beijo*), devia ser beijoqueiro e lambedor de imagens. *Kiparíssov*, magro, espichado e tristonho, decerto lembrava um *kiparís* (cipreste) e o fim que a todos nós espera; *Tranquillínskii* fala por si só. Entre tantos mandriões, havia quem levasse o estudo a sério, como *Filomafítskii* (do grego *filomafis*, “que gosta de estudar”, *Estudioso*). Outros sobrenomes refletiam alguma condição do ingressante no seminário; se morador de cidade, *Urbánskii/Urbanóskii*; *Gromoglássov/Tronitroantev* (*grom/trovão + glass/voz*) para quem atentasse contra os tímpanos alheios; *Vertográdov/Pomarov* (*vertograd/jardim, pomar*) para um dendrólatra e amante de plantas; *Farmakóvskii* (do grego *farmakós, remédio*) para algum filho de farmacêutico e assim por diante.

A onomástica mostra uma faceta da nobreza e dos poderosos. Segundo I. A. Fedossiuk, os filhos, quando tidos fora do casamento, soíam ficar com o nome de família do pai alterado ou só com parte dele e, às vezes, até nem isso. Assim, o primeiro comissário da Educação da União Soviética era filho de Serguêi *Lunatchárskii*, nascido de uma camponesa e um nobre de sobrenome *Tchalunárskii*. Um ilustrador das obras de Gógol e gerado por um certo *Eláguin*, ficou como Aleksandr Águin; um pensador iluminista do século XVIII, Ivan *Betskoi*, viera ao mundo com a ajuda dum príncipe *Trubetskoi*. O compositor Aleksandr *Porfírievitch Borodin* tivera como genitor um membro da aristocracia georgiana, que o batizou como filho dum seu criado, *Porfíri Borodin* de sua graça.

O autor da ópera *Príncipe Ígor* lembra-nos do seu amigo Nikolai Rímskii-Kórsakov e da necessidade de falarmos dos sobrenomes duplos, raríssimos no meio russo. À diferença do Ocidente feudal, onde foram consequência do acréscimo do sobrenome de solteira da mulher casada ao do marido, na Rússia surgiram pelos fins do século XVII e por outros motivos; no início, a ramificação de clãs. Como explica I. A. Fedossiuk, os ramos mais numerosos de algum clã dirigiam uma petição ao tsar, para distinguirem-se daqueles a quem julgavam menos dignos; assim, por exemplo, parte dos Kórsakovs, em 1677, tornou-se *Rímskii-Kórsakov*, porque teria apresentado provas de que os seus antepassados eram oriundos de Roma (*Rim*, em russo)¹⁷.

17 Mais outros casos de sobrenome duplo em: Fedossiuk (1996, p. 190).

A muitos nobres, no século seguinte, deram-se sobrenomes duplos como galarão por vitórias militares: o mais venerado militar russo, Aleksandr Suvórov, por ter batido os turcos nas cidades romenas de Fokchani e Rýmnyke, em 1789, ficou *Suvórov-Rýmnykskii*; *Potiómkin-Tavrítchskii* passou a chamar-se o conde Grigórii Potiómkin, comandante das tropas que derrotaram, entre 1782 e 1783, os tártaros do Império Otomano e anexaram a Tavrida (nome grego da Crimeia) à Coroa russa.

Houve casos em que ao sobrenome russo se acrescentou um estrangeiro, como em *Danílov-Danilián*, *Mtchedelov-Mtchedelachvíli*, *Ivanov-Vano*, ou o estrangeiro passou a acompanhar-se da sua tradução, como em *Kessler-Kotelnikov*, *Lévin-Cher* (*cher*, em algumas línguas orientais, tem o significado de “leão”, *lev* em russo) e *Vinokur-Weinberg* (*Weinberg* é “montanha de vinho” em alguns dialetos do alemão).

E até a literatura lavrou esse campo. Alguns escritores juntaram o seu pseudônimo ao sobrenome; assim, Pável Mélnikov, que assinava as suas obras como “Andréi Petchérskii”, tornou-se Pável *Mélnikov-Petchérskii*; Dmítrii Narkíssovitch Mámin, que começara a escrever, nos anos 80 do século XIX, sob o pseudônimo “Sibiriak” (siberiano), ficou conhecido como *Mámin-Sibiriak*; Aleksandr Nóvikov, por haver sido marinheiro, juntou o substantivo “maré” ao sobrenome: *Nóvikov-Priboi*.

A Revolução de 1917 inaugurou a terceira fase da história dos nomes russos, com a publicação do decreto de separação entre Estado e Igreja, emitido pelo Conselho de Comissários Populares da República Socialista Soviética Russa em 23 de janeiro de 1918. O

ato estabeleceu a obrigatoriedade do registro civil do nascituro e facultou aos cidadãos a livre escolha do primeiro nome para os filhos – e aos descontentes com o sobrenome a mudança deste: um presente para os *Zubástov* (Dentuçov), os *Khromoi* (Manco), os *Griaznov* (Imúndov) e quejandos.

Surgiram nomes estranhos e, na maioria, simplesmente absurdos, como *Idéia* (Ideia), *Oktiabrina* (Outubrina), *Iskra* (Fáisca; jornal fundado em 1900 por Lênin em Munique e lá editado pelos bolcheviques exilados), *Pobeda* (Vitória), *Svoboda* (Liberdade), *Ninel* (*Lênin* ao contrário), *Artilléria* (Artilharia), *Rádii* (Radium, Rádio, elemento químico), *Avksom* (Moscou ao contrário). Houve uma moda de abreviaturas e contrações para nomes: *Vlad[i]len* (*Vladímir Lênin*), *Kim* (*Kommunistícheskii internatsional molodióji*, Internacional Comunista da Juventude), *Mels* (*Marx, Engels, Lênin, Stálin*), *Dazdraperma* (da palavra de ordem *Dá zdravstvuet Pérvoe maia*, Viva o Primeiro de Maio!) e tantos outros¹⁸.

Adotaram-se nomes estrangeiros em homenagem a ativistas do movimento comunista internacional, como *Klara* (Klara Zetkin), *Roza* (Rosa Luxemburgo), *Ernst* (Ernst Telman). Outros receberam novo entendimento: o alemão *Guértrud* (força da lança) passou a significar *gueroínia trudá* (heroína do trabalho), o árabe Elmira (princesa), *elektrifikátsia mira* (eletrificação do mundo), Erik (alemão: regedor eterno; sueco: senhor único), *era rabótchikh i krestian* (era dos trabalhadores e camponeses) etc.¹⁹

18 Vide extensa lista em: wiki//Имена_советского_происхождения.

19 Alguns caíram tanto no gosto popular que sobreviveram até aos dias de hoje, como *Spartak* (Espártaco), *Lília* (do inglês *lily*, lírio) e *Timur* (“homem estóico, firme”, nome do

Alguns fatos interessantes da história dos nomes na Rússia. Já desde a impressão do primeiro texto no país (1º de março de 1534), o nome foi tratado com muita seriedade: a sua escrita incorreta podia ter consequências penais para os operadores da imprensa inventada por Johann Gutemberg (cerca de 1390-1468)²⁰.

O diminutivo do nome, normalmente expressão de familiaridade e afeto, também pode ser marcador do distanciamento ou desprezo de alguém em relação a alguma pessoa de classe social inferior (criado, subalterno etc.). Do século XVI à segunda metade do XVIII, ele foi uma maneira de a sociedade e o poder expressarem a sua condenação a quem cometesse delitos graves. No caso de perpetradores de crimes contra o Estado, tentava-se diminuí-los aos olhos do povo; assim, nos documentos oficiais, *Stepán Rázin* (1630-1671), comandante da maior insurreição camponesa contra o governo, era referido como *Stenka Rázin*, e *Emilián Pugatchov* (1742-1775), comandante de outro levante popular, como *Emelka Pugatchov*²¹. O mesmo “privilégio”

imperador turco-mongol Tamerlão). Este último, graças à novela *Timur i evó komanda* [Timur e a sua turma], do escritor Arkádii Gaidar, um dos livros preferidos do público infantojuvenil da época. A moda de nomes estrangeiros (*Robert, Arnold, Eduard, Irma, Inga, Janna* e outros) passou com a Segunda Guerra Mundial.

20 Trata-se dos *Atos e epístolas dos apóstolos*, escrito por Lucas, de 534 páginas (25 linhas em cada), com tiragem de 2 mil exemplares. Usava-se nos cultos, na preparação dos sacerdotes e na alfabetização em escolas paroquiais. Há cerca de 60 exemplares do livro em museus e bibliotecas do país.

21 A figura de Stepán Rázin foi reverenciada pelos contemporâneos e gerações posteriores. Ele tornou-se herói do folclore e inspirou o primeiro filme russo (de apenas seis minutos), *Ponizóvaia vólnitsa* (*Stenka Rázin*), algo como “A irmandade do rio”, de 1908, do diretor Vladímir Romáchkov.

tiveram dois impostores: *Gricha* (Grigórii) Otrépiev, monge autoproclamado como o filho que Ivan, o Terrível, matara, e *Timochka* (Timoféi) Ankudínov, aventureiro que se fazia passar por filho do tsar Vassílii Chúiskii²². E durante a vida do terrível Ivan (1530-1584), houve o costume de a pessoa autodepreciar-se, ao dirigir-se às instâncias oficiais, superiores hierárquicos, sacerdotes ou alguém de classe social superior; o cidadão comum, como *Pétia* (de *Piotr*) e *Macha* (de *Maria*), tornava-se *Petka* e *Machka*; já quem fosse ligado à igreja, teria de usar o sufixo *-chtche*: *Piotr* ficaria *Piótrichtche*; *Stepán*, *Stepánichtche*. Tal praxe aboliu-se, oficialmente, por decreto de Pedro, o Grande (1672-1725), de 30 de dezembro de 1701²³.

Até a Revolução de Outubro, um em cada quatro camponeses tinha o nome *Ivan*; todos os andarilhos apanhados pela polícia diziam assim chamar-se. Em recenseamentos da população do século XVII, encontram-se registros do tipo: “Naumka tem os filhos Ivachka de 17 anos, um Ivachko de 15 anos, e outro Ivachko, de 11 anos”; “Pelagueia tem três filhos. O Ivachko maior foi para Moscou trabalhar, o Ivachko do meio tem dez anos, e o terceiro Ivachko tem oito”; “os filhos de Pervuchka Tíkhonov são Ivachko, outro Ivachko, um terceiro Ivachko e mais um Ivachko”²⁴. A religião foi determinante para a difusão do nome; um estudioso da antropônimo russa escreveu: “Por que havia tantos Ivans na Rússia antiga? Pela simples razão de que Ivan (Ioann) aparece 170 vezes

no calendário dos santos da Igreja, isto é, quase dia sim, dia não” (Petróvskii, 1966, p. 6). Entre esses Ivans (Ioanns, para os membros do clero), ademais, havia uma batelada de santos especialmente venerados pelo povo, como Ioann Teólogo, Ioann Lábios de Ouro e Ioann Mártir e Guerreiro. *Ivan* era bonito, fácil de pronunciar e memorizar, e certamente até o padre mais desalmado haveria de admiti-lo como a única escolha possível em datas recheadas de nomes como *Avkissívii*, *Feofilakt*, *Eksakustodian*, *Varakhássii*, *Mókkia*, *Sóssia*, *Trifílii*, *Melkizedek* e *Khosdazat*²⁵. Também se atribui alguma contribuição para a popularização do nome *Ivan* ao príncipe Ivan Kalitá (1288-1340), de Moscou, Nóvgorod e Vladímir, cujo reinado teria sido de paz e prosperidade²⁶. De modo que, assim como, genericamente, *John* (*John Bull*) designa os ingleses e *Fritz*, os alemães, *Ivan* identifica os russos.

O padrão nome-patronímico-sobrenome estabeleceu-se definitivamente nos anos 30 do século XX. Quem haja nascido na terra de Mendeléev e Tchaikóvskii, chama-se, por exemplo, Marina Ivánovna Tsvetáeva, Iúri Vassílievitch Gagárin. O patronímico é, para o homem, o nome do pai, acrescido do sufixo *-ovitch* ou *-evitch*; para a mulher, *-ovna* ou *-evna*. Os sobrenomes terminados em *-ov*, *-iov*, *-ev*, *-in*, *-oi* e *-kii* possuem fe-

22 Vassílii Chúiskii (c. 1552-1612) reinou de 1606 a 1610.

23 Mais pormenores em: <https://dzen.ru/a/YQxER-ZckmTLNnR8>.

24 Informação do portal dzen.ru.

25 Os santos de cada dia do calendário ortodoxo estão em: <https://www.pravmir.ru/pravoslavnyj-kalendar-imenin/>. O leque de escolha podia estender-se aos nomes de santos de até uma semana posterior ao nascimento da criança.

26 Mais pormenores em: <https://dzen.ru/a/XEeHWFSo-bgCtDjWi>.

minino: *Tchékhova, Soloviova, Turguéneva, Zamiátina, Tolstáia*.

Os parentes e as pessoas mais chegadas usarão sempre um diminutivo (e o tratamento por *ty/tu*) quando se dirigirem a Ivan (*Vânia, Vánetchka, Vanúcha* etc.), Maria (*Macha, Máchenka, Marússia* etc.), Nikolai (*Kólia, Nikolacha, Nikolka* etc.); igualmente, a pessoa adulta, ao falar a alguma criança ou adolescente. (Os filhos e os netos tuteiam os genitores, avós e demais parentes.) Nome e patronímico (e o tratamento por *vy/você, o senhor, a senhora*) serão usados apenas para quem não for da intimidade do indivíduo, ou por algum subalterno ou pessoa mais jovem; assim, no tratamento formal, dir-se-á *Ivan Nikoláevitch, Maria Ivánovna*. A abreviação do patronímico masculino (*Nikítitch, Ivánitch*) indicará familiaridade do falante com o interlocutor. Também é aceitável o falante dirigir-se a alguém do seu convívio, principalmente se pessoa mais jovem, usando só o nome ou o diminutivo deste, ainda que deva a ela o tratamento por *vy*.

Estima-se que, na Rússia, 95 por cento dos nomes venham do calendário ortodoxo, ou seja, dos gregos (como *Aleksandr[a], Elena, Nikolai*), hebraicos (*Ivan, Iliá, Mikhail, Maria*) ou latinos (*Antón[ina], Íulia, Natália, Klávdii[a]*) do cristianismo. Eles soam bem aos nossos ouvidos, pela beleza e pela sonoridade semelhante à do português, e constituem parte integrante da língua e da história do povo russo²⁷.

27 Acerca dos nomes mais populares nas diversas épocas históricas da Rússia, ver: <https://histrf.ru/read/articles/istoriya-russkih-imen>.

Os “outubrinos e revolucionários”, criados em consonância com o espírito da época, expressavam entusiasmo com as novas bases da sociedade e os rumos do país, mas, pela feiura, extinguiram-se, na sua avassaladora maioria, para o bem da nação.

Os russos antigos, da era pagã, por sua vez, constituem apenas cinco por cento dos nomes dos cidadãos da Federação Russa. Alguns chegaram aos dias de hoje (*Vadim, Vladímir, Vsévolod, Boris, Bogdan, Miroslav, Liudmila* etc.); os quatro primeiros devem a sua sobrevivência a santos canonizados pela Igreja. Outros, mormente os relacionados com o mundo natural e o caráter da pessoa, fossilizaram-se em sobrenomes como *Vólkov, Záitsev, Vóronov, Beriózín, Bulgákov, Cheshtakov, Morózov, Erchov, Zamiátin, Dúbov, Negrásov, Griaznov, Tchertkov, Béskov, Zolotúkhin, Nenáchev* e tantos mais.

A cultura russa, seja dito, ficou mais pobre com o desaparecimento das dezenas de nomes homenageadores dos deuses do panteão eslavo ou reprodutores do “som da alma”, principalmente os dotados da raiz *svet* (luz) ou relacionados com *zória* (alba) ou *Iarilo* (deus Sol). Eles conjugam clareza de sentido e melodia e concentram energia nas espremidas sílabas, como *Iarosvet* (luz do Sol; ardente, luminoso), *Peresvet* (o mais luminoso e corajoso), *Svetozar(a)* (que ilumina), *Lutchezar(a)* (que irradia a alba) e *Iaromudr(a)* (dotado[a] de luminosa sabedoria); na sequência harmoniosa de sons, condensam, para o(a) portador(a), o preceito de seguir a senda do aperfeiçoamento do caráter e das habilidades e cumprir a sua destinação no mundo.

Houve uma conquista da palavra, quando os seres e coisas receberam nome. E

um ganho de bem-estar no mundo: os grupos, ao termo de um deslocamento, davam nome aos acidentes geográficos (outeiros, colinas, barrancos etc.) e aos seres e coisas desconhecidos (árvores, arbustos, cursos d'água, animais etc.), o que servia para a orientação, mas, principalmente, tornava, para as pessoas, o novo sítio menos perigoso, mais amigável, “seu”.

Depois, houve um crescimento da consciência, quando se juntaram palavras para expressão de alguma ideia ou sentimento, como o estabelecimento de relação entre algum elemento do Cosmos e algo da existência humana. O nascimento de uma criança, ao fim dos seis meses de domínio das neves, por exemplo, semelhava a escalada do Sol em relação ao equador: a casa recebia uma presença desejada e uma voz nova, e com elas, pela porta e pelas janelas, entravam o acréscimo de calor e luz e o bafejo de renascimento, que se repartiam à terra e aos

seres do mundo circundante. Da beleza de fenômenos cósmicos e da potência onírica das palavras deles nomeadoras, a língua russa tirou nomes que podem considerar-se verdadeiras joias suas, como *Iarolik(a)* (que tem o rosto do Sol), *Iaroslav(a)* (que glorifica o Sol), *Zlatoiar(a)* (vivo[a], ardente como o Sol) e *Radosviet(a)* (que ilumina com a sua alegria). Esses novos seres da linguagem, tradução de uma comoção em sons e notas de uma melodia já longínqua, guardam a nobreza da sua origem e renovam a nossa dita de termos o dom da fala.

Uma última palavra acerca dos nomes próprios russos: eles podem soar mais fortes ou mais gentis, mas são sempre gratos aos nossos ouvidos lusófonos, e constituem um dos encantos de obras já tornadas patrimônio da humanidade, pela aliciante sonoridade que nos acena com tudo o que a terra de Gógol, Leskov e Gárchin possui de misterioso e fascinante.

REFERÊNCIAS

- FEDOSSIUK, I. A. *Rússkie famílii* [Sobrenomes russos]. Moscou, Rússkie slovari, 1996.
- NÍKONOV, V. A. *Gueográfia famílii* [Geografia dos sobrenomes]. Moscou, Náuka, 1988.
- PETRÓVSKII, N. A. *Slovar rússkikh litchnykh imiún* [Dicionário dos nomes russos]. Moscou, Sovietskaia entsiklopedia, 1966.
- USPÉNSKII, B. A. “Sotsiálnaia jizn rússkikh famílii” [A vida social dos sobrenomes russos], in *Ízbrannye trudý* [Obras escolhidas]. Tomo 2. Moscou, Gnosis. 1994.
- USPÉNSKII, L. V. *Ty i tvoió ímia* [Tu e o teu nome]. Leningrado, Détskaia literatura, 1972.